

O ageísmo e os memes da rainha

Tudo isso pode parecer muito engraçado até você perceber o quanto de discriminação esses memes escondem: o ageísmo.

Vitor Fonsêca (*)

Elizabeth nasceu em 1926. Hoje tem 94 anos e, por lei, é considerada idosa. É casada, tem filhos, netos e até bisnetos. Elizabeth sempre gostou de cachorros, de cavalos e da vida no campo. Elizabeth é inglesa, mas, se um dia tiver curiosidade de navegar pelas redes sociais brasileiras, vai descobrir que é alvo de **memes** por aqui. Você já deve ter recebido algum meme “brincando” com a idade de Elizabeth. Ou melhor: com a idade de Sua Majestade, a Rainha Elizabeth II da Inglaterra.

São piadas dizendo que: a) ela vai viver muito tempo ainda e enterrar muita gente; e b) o quanto ela é velha e conviveu com figuras históricas (como Jesus Cristo e Cleópatra). Tudo isso pode parecer muito engraçado até você perceber o quanto de discriminação esses memes escondem: o **ageísmo**.



Foi em 1969 que Robert Butler batizou o nome de ageísmo para a discriminação contra idosos. Ele queria um nome tão forte quanto racismo e machismo, pois sabia que a discriminação contra idosos tinha reflexos até mesmo em sua área de pesquisa: a saúde dos mais velhos. Seus estudos sobre idosos em instituições de longa permanência (“asilos”) indicaram, por exemplo, que, ao contrário dos preconceitos generalizados, nem todo idoso tem disfunção sexual e nem todo idoso necessariamente será senil¹.

Estudos da área da Psicologia demonstram que o ageísmo não é apenas expressão do “politicamente correto”². Boa parte dos idosos relatam vivência de discriminação em contextos sociais: ouvem piadas sobre a idade, são ignorados, sofrem insultos, são vítimas de infantilização e paternalismo, associam dores à idade e se assumem surdos. Ageísmo não deixa de ser, também, atos de violência contra o idoso.

Se você ainda não se convenceu de que essa discriminação realmente existe, basta lembrar que, um ano atrás em fevereiro de 2020, a pandemia do coronavírus começava a chegar no Brasil. A COVID-19, àquela época, era considerada “doença de velho”. Fomos invadidos por memes para “trancar velhos em casa” e sugestões de “caminhões catavelho”³. E muita, muita gente ajudou a viralizar o ageísmo nas nossas redes sociais sem nem perceber⁴.

O que fazer contra o ageísmo? A sugestão é mudar nossos vieses sobre a velhice. Os estudiosos apontam que exemplos positivos sobre pessoas idosas podem reduzir os estereótipos negativos (e implícitos) contra os mais velhos. Precisamos falar, sim, sobre representatividade idosa e inundar nossas mídias com esses exemplos.

Em seu clássico “A velhice”⁵, Simone de Beauvoir dizia que “em nós é o outro que é velho”. A velhice aparece mais para os outros do que para nós mesmos, dizia Beauvoir. É o outro que nos reconhece velhos, e não o contrário. Se Beauvoir estivesse viva, concordaria em dizer que ninguém se vê velho como a Rainha; ao mesmo tempo, ninguém quer ser vítima de memes, como aconteceu com Elizabeth.

Notas

- 1 Robert N. Butler, Ageism: looking back over my shoulder, *Generations: Journal of the American Society on Aging*, v. 29, n. 3, 2005, pp. 84-86.
- 2 Juliana Fernandes-Eloi et al, Ageísmo: percepção de pessoas idosas usuárias do CRAS, *Subjetividades*, n. 20 (fascículo especial), 2020; Maria Clara Couto et al, Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro: ageísmo, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 4, out-dez. 2009, pp. 509-518.
- 3 Raíssa Costa, Ageísmo em tempos de pandemia: desvelando o preconceito contra idosos no Brasil, *Revista Longeviver*, n. 9, jan.-mar., 2021.
- 4 Becca R. Levy et al, Implicit ageism, *Ageism: stereotyping and prejudice against older persons*, Cambridge, The MIT Press, 2002, pp. 49-75.
- 5 Simone de Beauvoir, *A velhice*, Tradução de Maria Helena Franco Martins, 2.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2018, p. 302.

() Vitor Fonsêca é Doutor (PUC/SP). Professor Universitário e Promotor de Justiça (AM) e Associado à Ampid.*